

completa e total, no sentido husserliano do termo, da influência que as matemáticas tiveram na evolução espiritual dos sistemas filosóficos e dos grandes filósofos. Não me quero referir aos pré-socráticos, como Pitágoras, que ouviam e viam as essências divinas do Universo através dos números, mas sim aos modernos. Desde Pascal a Husserl, como de Pascal a Plank, Einstein e Heisenberg, vemos uma linha clara que faz da matemática a ciência das ciências, a *máthesis* universal, que os pensadores materialistas do século XIX nunca conseguiram possuir, becos sem saída das ciências e do pensamento, em todas as ordens e aplicações. No princípio deste século, Bergson encontrou também nas matemáticas a primeira revelação de uma verdade que o conduziria a um espiritualismo destruidor do positivismo e criador de uma visão quase cristã do mundo.

Também Husserl começa pelas matemáticas. O seu primeiro estudo tem precisamente por título *Filosofia das Aritméticas*; e é muito possível, como disse Goussier em Lucerna, que o movimento no sentido da mudança que se operou na primeira metade deste século, mudança em que ainda hoje nos encontramos, para o bem ou para o mal, tenha sido iniciado e provocado por um livro de Hilbert, publicado em 1905 e que tem por título *Os Fundamentos da Geometria*. As matemáticas são a ciência que delimita e simboliza o fenómeno, por meio de algarismos, e ao mesmo tempo concentra em fórmulas precisas as leis que regem o Universo. As «fundações», de que fala Husserl, os temas básicos e imutáveis que regem o cosmos, exterior ou interior, podem caber dentro de uma fórmula matemática. Por este motivo, matemática quer dizer ciência em si mesma. Depois disso vêm as *logias*, ou o discurso à volta deste ou daquele aspecto do cognoscível. Separada da matemática, a filosofia tornou-se «psicologia» ou «sociologia», e até explicação económica do mundo e da história, aspecto decadente do saber, cujas consequências ainda hoje estamos a pagar. Neste sentido, a aliança que Husserl realiza entre a ciência dos números e a filosofia, fazendo desta uma introdução àquela, aproxima-nos de novo da técnica do saber dos Antigos. Quando Platão, na Academia de Atenas ou no decurso das suas visitas a Siracusa, recomendava aos seus discípulos o estudo da geometria, lançava as bases para um entendimento total do mundo, que só hoje começamos a atingir.

Mas há mais. Essa ânsia de totalidade, essa *metanoia* e esse vasculhar por trás do visível, essa pesquisa baseada na intencionalidade (de *intentio* e *intendere*, «tender para»), veio a dar, em muitos casos, numa busca de Deus. Tanto Bergson como os mais ilustres discípulos de Husserl, quais foram Max Scheler e Edith Stein,

converteram-se ao cristianismo, fazendo da fenomenologia uma introdução à fé. O mesmo se deu com Pascal, que chegou à religião pela mesma via.

Gostaria de ter sido suficientemente claro nesta difícil exposição consagrada à fenomenologia, chave mestra do nosso tempo, pois, ao longo desta viagem aos «centros», ainda voltarei a falar de Husserl e da sua doutrina. Tal como Copérnico e Descartes nos impuseram uma mudança revolucionária na vida de todos os dias, e da sua descoberta e formulações dependeu até a evolução dos estilos em arquitectura, nas letras, na filosofia, assim também o princípio da incerteza de Heisenberg ou da intencionalidade husserliana virão a modelar, pouco a pouco, as almas e as mãos, como para imprimir a este estilo, em todos os seus aspectos, o cariz da novidade transformadora que isso implica.